

MESTRES



DA

DOMINGOS  
PELLEGRINI

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

PAIXÃO

MANUAL DO PROFESSOR

APRENDENDO COM QUEM AMA O QUE FAZ



**MODERNA**

V. Subclávia

Artérias pulmonares

Art. pulmonar

Aurícula esquerda

ventrículo esquerda

ÁPICE

Sulco interventricular  
(A. coronaria anterior)

ARTERIA  
PULMONAR  
DIREITA

BRÔNQUIO

MODERNA



# MESTRES

**DOMINGOS PELLEGRINI**

MODERNA

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

**MANUAL DO  
PROFESSOR**

# DA PAIVÃO

**APRENDENDO COM QUEM AMA O QUE FAZ**

**1ª EDIÇÃO**

 **SALAMANDRA**

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Maristela Petrili de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO	Erika Alonso
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA	André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues
COORDENAÇÃO DE REVISÃO	Estevam Vieira Léo Jr.
REVISÃO	Jane dos Santos Coelho Taniguchi, Palavra Certa
EDIÇÃO DE ARTE/PROJETO GRÁFICO	Ricardo Postacchini
CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA	Isabela Jordani
DIAGRAMAÇÃO	Camila Fiorenza
ILUSTRAÇÕES DE MIOLO	Domingos Pellegrini
COORDENAÇÃO DE BUREAU	Américo Jesus
TRATAMENTO DE IMAGENS	Evaldo de Almeida
PRÉ-IMPRESSÃO	Helio P. de Souza Filho, Marcio H. Kamoto
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL	Wendell Jim C. Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pellegrini, Domingos

Mestres da paixão : aprendendo com quem ama o que faz : manual do professor / Domingos Pellegrini ; ilustrações do autor. – 1. ed. – Guarulhos, SP : Salamandra, 2021.

ISBN 978-85-7568-140-4

1. Escritores brasileiros - Autobiografia
2. Pellegrini, Domingos I. Título.

20-46090

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Escritores brasileiros : Autobiografia 928.69
- Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

**SALAMANDRA EDITORIAL LTDA.**

Rua Urbano Santos, 755, sala 2  
Guarulhos – SP – Brasil – CEP 07182-320

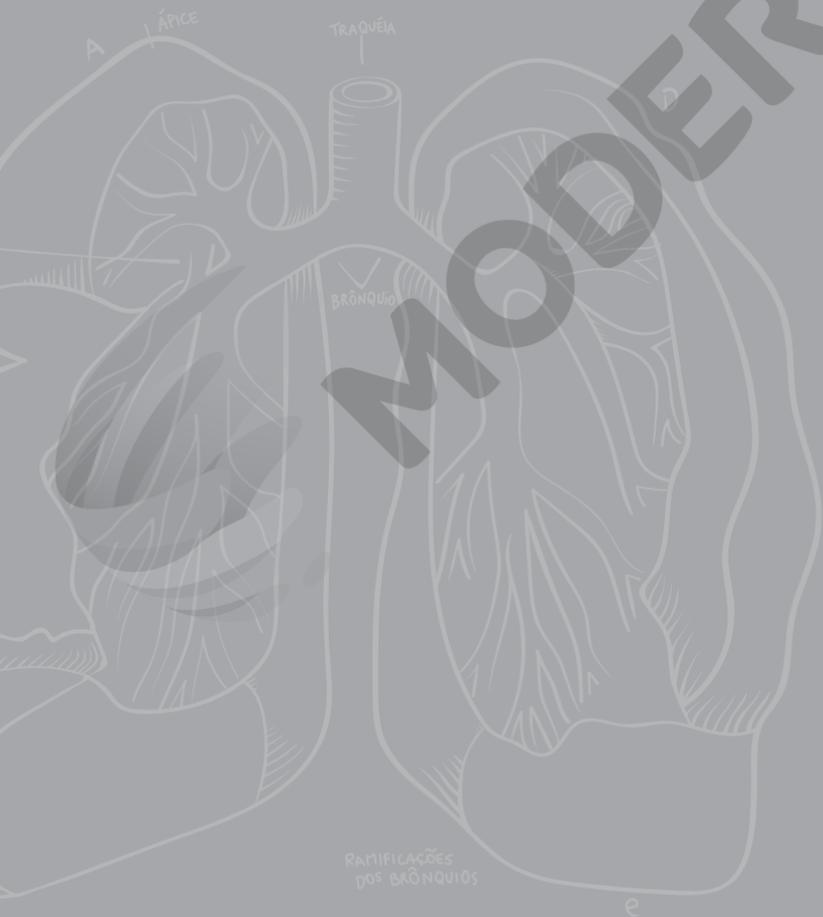


DE ACORDO COM AS  
NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS



*Aos mestres da paixão  
legado que ilumina  
como o cipreste se inclina  
ao vento em gratidão.*

# SUMÁRIO



MODERNA

As múltiplas faces da palavra —  
Maria Lúcia de Arruda Aranha, **8**

1. Dona Bemvinda, **11**
2. Só pra contrariar, **20**
3. Do mar ao infinito, **27**
4. Píralina, **66**
5. Entre céu e inferno, **84**
6. Procurando encrenca, **110**
7. Bem-entendido, **125**
8. Caminhada noturna, **134**
9. Decoração e coração, **149**
10. Quoci fa tutte!, **158**
11. Fênix e Ícaro, **169**
12. Arredondando, **176**

Passando a chama —  
Domingos Pellegrini, **184**

Paratexto: Mestres da paixão: um mergulho no  
passado, uma janela para o futuro, **188**

# As múltiplas faces da palavra

**A**lguma vez você já se perguntou se o animal pensa? Por exemplo, o seu cachorro: você bem percebe que ele sente — medo, afeto, raiva — e que também demonstra inteligência, tanto que aprende um mundo de coisas que você lhe ensina. Mas, embora abane o rabo, ameace com grunhidos e entenda suas ordens, ele não fala! Diferentemente dos animais, nós falamos: com a ajuda dos adultos, desde cedo recebemos o presente da palavra. Pronunciamos primeiro alguns termos, depois construímos frases e lentamente aprendemos a pensar! De fato, a palavra é a “roupa do pensamento”: sem ela, o mundo seria um amontoado de sensações inexprimíveis e impulsos incontrolados.

É bem verdade que, ainda pequeno, você imitava os adultos, mas com o tempo foi adquirindo seu estilo

próprio de falar e, portanto, de pensar. Por isso é preciso tratar com carinho esta ferramenta fantástica que é a palavra, o “Abre-te, Sésamo” que lhe permite entrar, não na caverna de Ali Babá, mas em uma realidade mais rica: a de tornar-se cada vez mais humano pela palavra!

Então, vejamos: com a palavra, você lembra o passado e planeja o futuro, o que não é pouco! Além disso, pode “falar” consigo mesmo, comunicar-se com os outros, contar um acontecimento, inventar uma história, criar ou resolver enigmas, expressar sentimentos, orar, poetar, comandar, implorar, persuadir, ensinar, prometer. E tantas, tantas outras coisas!

Ah, mas a palavra é uma faca de dois gumes: com ela você também pode mentir, maldizer, provocar mal-entendidos, doutrinar, caçoar, ofender, trair, difamar.

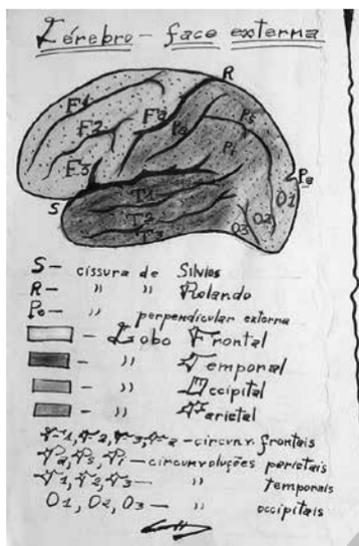
Depende de você saber como usá-la, porque a palavra é sua!

Maria Lúcia de Arruda Aranha

*Maria Lúcia de Arruda Aranha  
é licenciada em Filosofia pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo  
(PUC-SP). Escreveu diversas obras  
didáticas de Filosofia.*



**MODERNA**



*Tudo começou quando uma professora me elogiou...\**

# I. Dona Benvinda

Não é à toa que estas lembranças começam com desenhos do cérebro, que fiz aos catorze anos, conforme se verá adiante. Maravilha entre as maravilhas do corpo, o cérebro ainda é tão inexplorado e desconhecido como o universo, que quanto mais desvendamos mais deixa a desvendar. Fomos descobrindo que, como o universo tem galáxias, o cérebro

\* Ilustrações escolares do autor, aos catorze anos de idade.

tem suas áreas para seus tantos trabalhos. Além de gerente permanente das operações automáticas do corpo, operador também das nossas vontades e engenheiro do raciocínio, ainda mexe o caldeirão das emoções e da memória, que se misturam na mente como o gosto de cebola e alho na comida.

Nesses processos químicos, o cérebro deixa de se assemelhar ao universo e passa a lembrar mais o átomo e seu microinfinito de energia em contínua mutação, tão desconhecido quanto o macrouniverso. Entre esses macro e micromistérios, ficamos com uma certeza: lembramos do que nos faz bem, do que nos marca e ensina, aquilo que passa, como dizemos, pelo coração.

Na verdade, o próprio coração é apenas um músculo, muito menos complexo que o cérebro, que poderia se sentir enciumado de fazer todo o serviço das emoções e da memória, com o mérito ficando para o coração... Mas é o próprio cérebro quem cria os símbolos, como ao simbolizar o coração como órgão das emoções e da memória. E é também ele quem “manda” o coração bater mais

forte no medo ou na alegria, como é ele quem guarda, ao seu critério, pedaços de quebra-cabeças ou fiapos de tecidos da memória. E, quando queremos lembrar, nos surpreendemos vendo que, daquilo tudo, ficou só isto ou aquilo, indicando claramente para onde estava focada nossa visão na época, e como os sentidos produzem lembranças mais vigorosas que a razão.

No entanto, como os sentidos são desprezados pela (des)didática convencional! A velha escola quer que a gente leia, sem se preocupar em nos revelar, em nos fazer ver os processos, as funções, as estruturas internas e as relações entre cada coisa e o mundo! Quer que decoremos sem entender. Que leiamos sem gostar, porque não entendemos. Quer que a gente escute, mas não quer nos escutar, pois não nos estimula a falar! Sonega-nos as cores, já desde a expressão “quadro-negro” até a arquitetura descolorida. Não permite o tato, ao negar o manuseio, a operação dos processos, o conhecimento operacional. E, ao confinar o ensino em salas, nos isola dos cheiros do mundo e dos estímulos da vida.

Uma educação sem cor, sem voz, sem vocação, sem ação, sem iniciativas, sem gosto, sem paixão.

Eu andava com ojeriza dessa educação, depois de ver meus filhos sofrerem as mesmas pressões escolares em direção à falta de expressão, em favor da massificação em vez da individualidade, visando à *performance* mental em vez de personalidade, das habilidades e da civilidade. Então minha mãe ficou bem doente, velhinha, e começou a abrir o baú, a dar coisas guardadas durante décadas. Baú é modo de dizer: são enormes armários embutidos e grandes cômodas de onde, entre meus primeiros poemas, cartões de Natal, boletins escolares, fotos e cartas, ela sacou um caderno de desenhos de Anatomia e Fisiologia que eu pensava perdido, e de que volta e meia lembrava, por ter sido feito com paixão.

Ao folhear, tive de tomar cuidado para não molhar de lágrimas o velho caderno, e fui lembrando de meus professores marcantes, como aquele apaixonado por Ciências Naturais, que me fazia deixar as brincadeiras de rapazola para passar tardes desenhando com dedicação e capricho. E fui vendo que

todos os professores vivos na memória eram apaixonados: ou pela educação, ou pelos alunos, ou pela matéria que ensinavam, ou pelas três coisas juntas.

Resolvi então escrever este livro, com a cabeça e com o coração.

Não lembro do primeiro dia de aula. Foi no Grupo Escolar Evaristo da Veiga, ao lado da casa de vó Sebastiana, em Londrina, inesquecível casa de madeira suspensa sobre tocos, com um porão aberto embaixo, onde galinhas ciscavam e botavam ovos, e onde a imaginação infantil criava mundos. O quintal tinha mangueiras, onde eu era proibido de subir, mas subia, e lá de cima olhava o grande pátio do grupo escolar, na verdade um terreiro, onde as crianças corriam e formavam filas quando batia o sino.

Como nasci em julho, iria para essa escola ainda com seis anos e meio, mas de nada lembro além daquele terreiro que hoje é uma quadra de esportes coberta. Meus pais se separaram e minha mãe nos levou para morar em Assis, no estado de São Paulo, para onde vó Sebastiana tinha se mudado. Minha

primeira lembrança de escola é então do Grupo Escolar João Mendes, onde cheguei no meio do ano, e devia ser junho, porque era inverno, lembro de desenhar com os dedos duros de frio. Desenhei uma casinha, a clássica casinha infantil, com fumaça saindo da chaminé para um céu com sol e nuvens, trilha saindo da porta até o rio, e uma cerca de balaústres dividindo a página entre céu e terra.

Eu não sabia que naquele desenho estavam símbolos da sociedade rural que começava a desmoronar: a chaminé, a cerca de madeira, a trilha para o rio, o próprio rio, que seriam substituídos por fogões a gás, muros de alvenaria, riachos urbanos canalizados. Também não podia imaginar que a separação de meus pais apenas anunciava a transformação em massa das famílias, que meio século depois são na maioria formadas por pais e filhos gerados por mais de um casamento ou mesmo unidos sem formalidades casamentais. O que eu menino sabia era que estava numa cidade estranha, numa escola estranha, entre colegas estranhos, vestindo um uniforme estranho (calças e paletó de brim cáqui, com camisa

branca e sapatos pretos com meias brancas ou pretas, isso não lembro).

Lembro de a professora se inclinar ao meu lado na carteira, olhando o desenho, como lembro do cheiro doce e morno de seu decote, arfando enquanto ela dizia que era um belo desenho, eu estava de parabéns, tinha desenhado uma paisagem muito bonita. No extremo da cerca desenhei uma árvore, com frutos vermelhos, pequenas bolinhas que eu tinha pintado antes de rodear cada uma com o verde da árvore, truque indispensável para deixar as bolinhas bem vermelhas, pois, se pintasse sobre o verde, ficariam de outra cor, e isso foi o que mais encantou a professora, batendo a unha sobre cada uma das frutinhas e dizendo que eram belos detalhes, palavra que se tornaria também inesquecível e preciosa.

Não lembro o nome dela, não lembro seu rosto, apenas seu decote ao meu lado e sua unha nas minhas frutinhas, mas me ensinou para sempre que a beleza depende de detalhes, ou mais até, todo serviço benfeito depende de detalhes bem cuidados. Quando comecei a escrever, uns seis anos depois,

rabiscando os primeiros poemas, passei a reescrever, alterando uma palavra aqui, outra ali, cortando versos, acrescentando, emendando, tanto que um dia pediria aos meus pais, já então novamente morando juntos, uma máquina de escrever, para poder reescrever com as “letras de fôrma” de Gutenberg, como escritor em gestação.

Gosto de pensar que tudo começou naquele dia em que uma professora me elogiou, disse que estava benfeito meu desenho, estava belo, e para a turma disse que quem quisesse, que pedisse para eu ensinar como é que fazia as frutinhas assim vermelhas. Quando tocou o sino para o recreio, a menina ao lado me perguntou o segredo das frutinhas, e mais outra se chegou, e outra, me vi cercado de meninas, a ensinar meu segredo. Como elas pintavam as frutinhas sobre a árvore já pintada de verde, o vermelho se misturava ao verde e as frutinhas ficavam roxas ou coisa que o valha, e elas logo aprenderam, me agradeceram com sorrisos e olhares que me fizeram flutuar.

Eu saíria da sala já correndo para o refeitório, finalmente as pernas sem as amarras da vergonha e do medo, porque eu era alguém que fazia belos

desenhos, com belas frutinhas vermelhas como as do sagu que comi com gosto, embora depressa, para depois ir correr no pátio da minha nova escola.

Mas, pela vida afora, muitas vezes contrariei esse primeiro ensinamento que recebi na escola, elogiar. Só depois dos cinquenta anos me dei conta de que elogiar produz muito mais resultados do que criticar. Muitas vezes comprovei, então, os surpreendentes resultados de elogiar o que é benfeito, em vez de criticar o malfeito, pois então o benfeito naturalmente vai tomando espaço ao malfeito, e indica novos rumos à pessoa, gratificada pelo reconhecimento e pela autoestima. É preciso que o elogio, claro, seja verdadeiro e sincero, mas sempre há algo que elogiar mesmo no mais relapso e rebelde dos alunos. É como o carinho que rompe a casca do rancor, o sorriso que rompe o muro da raiva, a ponte que oferece caminho ao espiral da amargura.

Não é à toa que minha primeira lembrança escolar venha só depois de um semestre de aulas, quando fui recebido com um elogio numa escola estranha. Por isso, apelidei aquela professora de dona Benvinda, mulher sem rosto, anônima e inesquecível.